

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO  
INTERDISCIPLINAR DE  
ESTUDO E PESQUISA  
DO IMAGINÁRIO  
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ISSN 1519-6674  
ANO XX  
VOLUME 33  
(JUL-DEZ)  
2020  
P. 303-318.

## O RECONHECIMENTO: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O INDIVÍDUO E PARA A SOCIEDADE

Lindomar Teixeira Luiz<sup>i</sup>

Professor Adjunto do  
Centro Universitário de Adamantina (UniFAI)

### RESUMO

Este artigo é um ensaio que aborda várias facetas do reconhecimento. Discorremos sobre seu caráter precípua tanto na subjetividade humana quanto em várias esferas da vida social. Num primeiro momento apresentamos *como* e *onde* o reconhecimento se expressa nos indivíduos ressaltando algumas implicações de sua ausência. Doravante analisamos algumas relações do reconhecimento com determinados grupos de referência (família e campo profissional), com aspectos da sociedade contemporânea e com ideologia dominante.

**Palavras-chave:** reconhecimento; subjetividade; aspectos sociais; grupos de referência; ideologia.

### ABSTRACT

This article is an essay that addresses several facets of recognition. We discuss its main character both in human subjectivity and in various spheres of social life. At first, we present *how and where* recognition is expressed in individuals, highlighting some implications of its absence. Henceforth we analyze some relations of recognition with certain reference groups (family and professional field), with aspects of contemporary society and with dominant ideology.

**Keywords:** recognition; subjectivity; social aspects; reference groups; ideology.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é um ensaio sobre o reconhecimento. Dificilmente alguém que estuda a subjetividade e a vida social não o considera como um gigantesco manancial para elucidarmos diversas questões do universo humano, seja no âmbito individual, seja na esfera coletiva. Propomos apresentar algumas reflexões acerca do reconhecimento enfatizando sua amplitude e importância em nossas vidas, bem como algumas conexões com a dinâmica da sociedade. Falar de reconhecimento é algo muito inusitado, por se tratar de um assunto inerente a nossa vida cotidiana de várias formas, o que denota sua avassaladora demanda por todos nós, aparentando, por isso, existir uma postura conscienciosa a seu respeito. O reconhecimento por ser muito *almejado* e, por conseguinte, estar assaz presente em nossas existências, não significa dizer que ele é *elucidado*. Parece que ele por ser *óbvio*, acaba ficando *oculto*. Assim, ao mesmo tempo que se configura em algo *comum* é também *inédito*. *Comum* pela sua ininterrupta presença em nossas vidas, mas *inédito* porque ele se manifesta as vezes de forma indireta e inconsciente. Nessa linha, o presente ensaio procura pensar o reconhecimento enfatizando sua relevância para nossa subjetividade, bem como suas múltiplas implicações sociais no universo da sociedade contemporânea. Discorreremos sobre o reconhecimento tendo como principal referência o livro *A vida em comum* de autoria de Tzvetan

Todorov (1996), assim como dialogamos com outros autores, não obstante, a maior parte desta narrativa é fruto de nossas reflexões.

## O RECONHECIMENTO E SEU ESPAÇO DE ATUAÇÃO

Há um conjunto complexo e plural de fatores que se faz presente no contentamento humano, a saber, aqueles ligados às condições sociais, de classes, de estilos de vida, gênero, inerentes às disposições ligadas à personalidade etc. Porém, há uma motivação estrutural presente em nossa vida, que nos impulsiona, nos encoraja, e, indubitavelmente, nos proporciona mais contentamento, mais felicidade: o reconhecimento. A motivação ligada à dinheiro, poder, sexo, bens de consumo, conhecimento, viagens, saúde etc., no fundo, está atrelada, de forma tácita ou não, ao reconhecimento. “Somente Deus encontra felicidade na solidão” (TODOROV, 1996, p. 26). Em última instância, queremos ser elogiados, invejados, admirados, valorizados, enaltecidos direta ou indiretamente pelos outros; nada é tão profundamente penetrante, nada é mais tão importante, tão empolgante que o reconhecimento. Boa parte de muitos males, de várias conquistas, de delirantes conflitos, de insanas rusgas ele está presente, é inacreditável sua força, sua demanda, sua plasticidade, sua capacidade de transformar ou conservar algo. Diz Todorov (1996):

Qual é o objetivo que se busca na vida, em que consiste o aperfeiçoamento de nossa

condição, a que todos aspiramos? ‘Que nos observem, que nos se ocupem de nós, que prestem atenção em nós com simpatia, satisfação e aprovação... Que nos levem em consideração é a um só tempo ‘a esperança mais agradável e o desejo mais ardente da natureza humana... ninguém – exceto o sábio perfeito e o homem aviltado ao nível dos animais – consegue ficar indiferente a atração do reconhecimento público (TODOROV, 1996, p. 28).

O reconhecimento parece engolir tudo da existência humana: ele está em “todas as esferas na nossa existência” (TODOROV, 1996, p. 90.). Alguns exemplos são elencados a seguir. Ele se evidencia na *violência* quando o agressor exige que seja observado, ele quer o reconhecimento a todo custo: falem mal de mim, mas falem de mim, ou seja, “a admiração dos outros é a forma mais visível do seu reconhecimento... mas seu ódio e sua agressão também o são” (TODOROV, 1996, p. 94). O recurso da violência – realizado frequentemente por pessoas tidas como *invisíveis* - como estratégia para se obter o olhar do outro é patente, como mostra o livro *Cabeça de Porco* de MV Bill e Celso Athayde (2005), que perguntam: “Não parece lógico, portanto, que os jovens invisíveis, carente de tudo o que a participação de um grupo pode oferecer, procuram aderir a grupos cuja identidade se forja na e para a guerra?” (MV BILL & CELSO ATHAYDE, 2005, p. 220). Nessa linha, há depoimentos dos meninos que vão direto ao ponto, citemos um deles: “Mas, sabe, nós não somos tão invisíveis assim porque provocamos medo, e, quando as pessoas sentem medo, elas olham para nós” (MV BILL & CELSO ATHAYDE, 2005, p. 215).

Também é patente o reconhecimento na *luta de classes*. Como sabemos, segundo Marx, os interesses materiais das classes antagônicas balizam sua ação sociopolítica, desenhando as estratégias para se garantir privilégios de vários matizes. Esse conflito só aparentemente que se limita aos interesses materiais de classe, ele o transcende e resvala diretamente para o reconhecimento. Isto é evidente, pois a luta pelo acesso a recursos econômicos jamais pode ser concebida prescindindo o reconhecimento. Ora, o capital econômico é o atributo precípuo para se obter reconhecimento, seja diretamente com a aquisição de bens e serviços, que pode garantir o olhar do outro, seja pelo poder, que é uma forma de reconhecimento (o poder garante o respeito, a 305 obediência e toda forma de subjugar o outro e, por conseguinte, garantir reconhecimento) e, concomitantemente, um meio crucial para se obtê-lo. O filósofo alemão Hegel (século 19) enfatizou essa dimensão da luta pelo reconhecimento quando apresenta o conflito entre senhor e escravo, este renuncia ser reconhecido pelo medo da morte, enquanto aquele se impõe e sua vitória lhe assegura reconhecimento. Diz Albornoz (1988) sobre Hegel:

Os homens desejam e carecem ser reconhecidos...o reconhecimento mútuo pressupõe uma eclosão mútua. A ação que nasce do desejo e da carência se converte em luta. O desejo do reconhecimento leva, para Hegel, a uma luta mortal, a uma luta de vida ou morte (ALBORNOZ, 1988, p. 64).

Há inúmeros outros exemplos acerca do alcance do reconhecimento. Na *escola* as notas altas dos alunos mais talentosos (ou que possuem mais capital cultural) lhes garantem constantes elogios do seu grupo de referência (professores, amigos, familiares etc), mas quando elas não vêm, o recurso é utilizar o que se tem: a bagunça, a transgressão, tudo é válido para se ter a atenção do outro. Na *profissão* que se exerce não se almeja apenas recursos econômicos, se exige o olhar de admiração, de reconhecimento, por isso há conflitos permanentes entre os profissionais de um mesmo campo (isso será retomado, mais a frente, com a teoria do campo de Bourdieu). No *corpo* belo, tatuado, malhado, com roupas finas ou rasgadas, cheirosas ou fétidas... tudo é válido para ser observado, reconhecido. No carro, na casa, no bairro, no livro, nas viagens... a lista é quase infinita, pois “os motivos mais poderosos da ação humana não se chamam prazer, interesse, cobiça, nem, por outro lado generosidade, amor pela humanidade, auto sacrifício; mas desejo de glória e consideração... necessidade de reconhecimento” (TODOROV, 1996, p. 32). É o *reconhecimento* que se impõe, impulsiona, move, transgride, conserva e orienta nos seres humanos os destinos de suas vidas, construindo e moldando o sentido de suas existências.

## A AUSÊNCIA DE RECONHECIMENTO

O contentamento é muito refém do reconhecimento, assim como a *ausência* dele

vem a sensação de fracasso, impotência, insignificante, inferioridade, tristeza. A sensação de profunda angústia, que os pais vivenciam quando os filhos crescem e se tornam autônomos é a falta do reconhecimento, pois “Os pais encontram-se, de repente, privados de gratificante papel de detentor do reconhecimento, papel que pode estar na base do seu próprio equilíbrio psíquico: é a síndrome do “ninho vazio” (TODOROV, 1996, p. 84). O reconhecimento é como o ar que se respira, precisamos desse oxigênio agora, não importa o que passou, o reconhecimento do *passado* *passou*, dizer que alguém foi reconhecido *somente* no passado, equivale dizer que esse alguém hoje não tem importância (não tem 306 reconhecimento). (TODOROV, 1996). A vergonha, a humilhação, a vingança, a solidariedade, autoestima, a vontade de se evoluir, os desejos de consumo por bens e serviços, a motivação para se produzir algo, seja trabalho intelectual, seja material, tudo isto e muito, muito mais vem do reconhecimento. Quem se sente reconhecido não se envergonha facilmente, quem é humilhado está carente de reconhecimento; quem se vinga, quer retomar, com pitadas de maldade, o reconhecimento perdido; quem se solidariza como outro pode se sentir muito mais reconhecido “o auge do meu egoísmo é querer ajudar”<sup>ii</sup> ; quando se tem reconhecimento há valorização interna, autoestima; a motivação para se evoluir, em quase tudo, vem do reconhecimento, ninguém quer evoluir por evoluir!; não há consumo do

que for, se não houver a valorização do *olhar do outro*, assim como a produção intelectual, artística, material etc. tem como estrutura motivadora sempre ele: o reconhecimento.

Nada pior para o ser humano (como dissemos acima sobre a violência) do que sua *invisibilidade*, equivalendo a existência sem reconhecimento, isto é, existem seres humanos invisíveis, que não são notados, admirados ou invejados. Todos aqueles que não são valorizados na sociedade, tais como os moradores de rua, os lixeiros, os garis, os pobres etc. todos sofrem muito e não tem a quem recorrer, visto que a sociedade não se importa com eles, são como *objetos, coisas*. Para isto, há formas de compensação. A religião é o consolo mais acessível para mitigar tal incômodo, uma vez que nela o sujeito é concebido como sendo *filho de Deus*, por isso é valorizado, *descoisificado*, mesmo que, em certos aspectos, num plano ilusório. A religião cristã trabalha com um igualitarismo abstrato, todos são importantes, são iguais, são filhos de um mesmo pai, filhos de Deus. Não há apenas uma compensação metafísica ao se sentir *filho de Deus* (igualdade abstrata). Há uma compensação do ponto de vista social. Grupos sociais pobres são tratados como se fossem objetos, são explorados, surrados pela polícia, objeto de piadas para as classes medias, humilhados no que trabalham... enfim são lesados na sua dignidade. Esta exclusão social, onde nunca tiveram apoio - exceto a família, porém, em muitos casos, nem ela! - de quaisquer

instituições é compensada com a religiosidade (não apenas a religiosidade, é claro). Não importa se o pastor, padre, ou pai de santo vai explorá-lo e iludi-lo das mais diversas formas, o que realmente interessa é que o fiel, pobre, humilde, carente, vai se *sentir* reconhecido pelos membros da sua igreja: aqui ele é “importante”, se sente reconhecido, valorizado. Portanto, a religião compensa duplamente o sujeito fiel: metafisicamente, quando se sente igual por ser filho de Deus, socialmente, quando se sente reconhecido por todos que participam da comunidade religiosa. Concomitantemente ao consolo gestado pela religião vem a dominação, ou seja, uma das formas mais sofisticadas de se dominar alguém é por meio do reconhecimento, 307  
dificilmente alguém tem resiliência para se blindar dessa forma simples e profunda de dominação, porque respeitamos com *prazer* (ou pelo menos fingimos...) quando somos reconhecidos por quem nos domina. Quem domina o fiel? Por um lado, todo o conjunto de ideias, valores, símbolos e práticas religiosas ao dizerem que *qualquer um* é importante, *os ninguém*s se sentem *valorizados*, “os últimos serão os primeiros”. Assim, esse conjunto que vai orientar/dominar o seu agir, pensar e sentir, por outro, as autoridades religiosas (pastor, padre ou pai de santo...) que representam a religião. É evidente que este tipo de dominação não é monopólio da religião, ela está a todo momento seduzindo todos aqueles que são anestesiados pela massificação avassaladora dos meios de comunicação social, que jamais seria exitosa se

não valorizasse, ainda que de forma embusteira, os injustiçados, os pobres, os fracos, os impotentes... todos serão “recompensados”, pela justiça, pela meritocracia, pela justiça divina, pelo acaso, pelo amor... a cultura de massas está repleta de mensagens em que denotam o reconhecimento do sujeito, mesmo que de forma enganosa e totalmente abstrata.

### **ONDE ENCONTRAR RECONHECIMENTO: PESSOAS E GRUPOS DE REFERÊNCIA**

Num certo sentido nascemos e morremos duas vezes: biologicamente e existencialmente. Na primeira, nos igualamos aos demais animais, visto que precisamos dormir, alimentar, beber, manter a saúde, fazer sexo, chorar, sentir frio ou calor etc. Em segundo plano, nosso nascimento e nossa morte transcorrem, na esfera existencial, com o reconhecimento. Portanto, “o homem *vive* talvez inicialmente em sua própria pele, mas começa a *existir* apenas a partir do olhar dos outros” (TODOROV, 1996, p. 67). Ao falarmos dessa dimensão existencial - no sentido de nos diferenciarmos dos outros mamíferos -, é claro que tais diferenças não se limitam a isto, todavia, somos humanos apenas quando somos reconhecidos, quando há o *olhar do outro*, ou seja, somente nos *sentimos* seres humanos quando há alguém que dedique um olhar para a gente, nos observe, nos dê atenção, que nota nossa presença, que nos reconheça. Na infância somos muito dependentes dos pais para

chancelar ou não o *sentimento de existir* do ponto de vista humano, é óbvio que não somente eles podem fazê-lo, mas o olhar deles não é igual aos dos outros, é um olhar singular que possui a chave para o sentimento de existir, que nada mais é do que uma *forma* de reconhecimento. Poderiam dizer que o olhar dos pais somente é importante porque revela amor, carinho, segurança, pode ser, mas nem sempre, porque existem evidências que muitas vezes as crianças são vítimas de maus tratos e cruel violência física e psicológica, mas elas não dispensam o reconhecimento derivado do olhar dos pais, assim, mesmo sendo vítimas dos pais, elas necessitam do seu reconhecimento e vice-versa (TODOROV, 1996).

308

Portanto, existem dimensões do reconhecimento que são *exclusivas* à determinados agentes ou em determinadas *situações*, isto é, somente *determinadas pessoas e situações* possibilitam o olhar de reconhecimento. Por um lado, é possível que algo possa valorizar alguém e numa situação diferente tenha um efeito contrário: dizer, por exemplo, “sou médico” é motivo de orgulho (reconhecimento), mas falar que é médico exercendo uma atividade inferior tem, obviamente, um efeito contrário, é humilhante! (ausência de reconhecimento). Por outro lado, os pais são, num primeiro momento, os agentes exclusivos do reconhecimento dos filhos, mas, é claro, eles não são os únicos.

Na vida privada os agentes cruciais para o reconhecimento são os membros da família - a

começar pelos pais em relação aos filhos -, parece que há uma *obrigação moral* deles proporcionarem reconhecimento entre os demais membros: irmãos *devem* reconhecer irmãos, pais *devem* reconhecer filhos e vice-versa, cônjuges *devem* reconhecer cônjuges, netos *devem* reconhecer avós e vice-versa. Mesmo que eles não elogiem, eles têm também a *obrigação moral* de não criticarem. Aqui se inicia uma grande encrenca. Fingimos acreditar ou as vezes acreditamos no caráter verdadeiro de tal reconhecimento, que talvez tenha mais vantagens do que desvantagens: “amamos sempre aqueles que nos admiram” (LA ROCHEFOUCAULD, s.d, p.51). Aos poucos vamos tomando consciência do acordo implícito entre os membros da família de se auto reconhecerem e quando isto ocorre ficamos muito céticos do elogio oriundo dos membros desse grupo: será que realmente recebo o elogio por ter verdadeiramente tais atributos ou porque sou parente? Quase sempre, por dever moral (ou por amor, dependendo do parente), os parentes vão *dourar a pílula*, mas fingimos que não sabemos e mesmo assim gostamos de tal embuste. Quem nunca ouviu a frase: elogio de pai e mãe não valem! Ou seja, nossos filhos continuariam sendo “os melhores” mesmo se eles realmente não fossem e, muitos acreditam - felizmente ou infelizmente - acriticamente nisto. Frequentemente quando ocorrem *conflitos* ou *brincadeiras* e a opinião verdadeira, ou mais franca, do outro vem à tona, ficamos sabendo quem *realmente* somos para o outro e podemos

nos decepcionar muito, porque *quase sempre* esperamos somente a nossa valorização pelos membros da família. Se no *conflito* a raiva ou ódio determinam o que vamos falar para o outro visando demonstrar que “estamos certos”, *na brincadeira* o fazemos, por vários motivos e, de forma despreziosa, a verdade que põe em xeque nosso valor é aflorada.

Um sentimento que devemos prestar atenção é inveja, que é algo corriqueiro e se faz presente em todos os átomos da vida familiar, juntamente com ela há os ciúmes. Qual a diferença? O ciúme é um sentimento ligado a exclusividade. Quando a mulher, por exemplo, sente ciúme do esposo (ou vice-versa) é um sinal que ela quer que a atenção (reconhecimento) à **309** ela seja maior, lhe seja exclusiva. Pode ocorrer também o sentimento de inferioridade em relação a outra mulher, se, por exemplo, o seu esposo estiver com outra mulher que considere *superior* a ela (mais inteligente, bonita etc) sentirá ciúme, caso contrário não (GIKOVATE, 1994). Já a inveja deriva também de uma inferioridade, não de *não termos algo*, mas *daquela pessoa* possuir algo que também almejamos. É como se a conquista do outro fosse a nossa derrota, nossa humilhação: ausência de reconhecimento. O reconhecimento para que seja conquistado por uns, deverá ser perdido por outros, não há reconhecimento para todos, se todos são vencedores, *ninguém* é vencedor, se todos são competentes *ninguém* é competente etc. “Ao mesmo tempo em que peço o reconhecimento ao outro, ele o pede para mim;

ora, não podemos concedê-lo mutualmente, é preciso que um não o tenha para que o outro o obtenha” (TODOROV, 1996, p. 34.) Ademais, quase sempre ciúme e inveja ocorrem em pequenos grupos, nos grupos de referência, isto é, grupo familiar, amizades e profissional. Assim, se na família o reconhecimento é uma *obrigação moral* (quase sempre hipócrita) ela é também o campo de acirradas disputas – sempre escamoteadas - entre os membros envolvidos, pois, o reconhecimento para todos denota, como dissemos, sua total ausência, é onde a inveja e o ciúme crescem e se fortalecem.

## O RECONHECIMENTO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Yves De La Taille (2009) ao analisar aspectos da sociedade contemporânea apresenta, entre outros, dois conceitos importantes que nos ajudam a elucidar a dinâmica social do mundo atual: *vencedores* e os *perdedores*. Os indivíduos *vencedores* são caracterizados, fundamentalmente, por conseguirem obter em suas vidas o *destaque* naquilo que fazem, ou seja, não basta ter se dado bem na vida de forma “comum”, ter casa, trabalho, carro etc. o importante é ter *destaque*. Ter *destaque* não se limita a ter uma vida mediana, vai além, “O ‘vencedor’ é aquele que se *destaca*, que foi ou parece ter ido além dos demais... que se dá *melhor que os outros*” (TAILLE, 2009, p. 171). Alguém que se destaca é aquele que tem inúmeros seguidores nas redes sociais, quem está

na mídia, quem concede entrevistas, enfim alguém que deixou de ser anônimo. Ser anônimo é ser igual, ser igual é ser inferior, ter destaque é ser diferente, é ser superior: isto é o *vencedor*. Contudo, ainda segundo Taille (2009), são poucos os de *destaque*, os *vencedores*. O que a maioria faz quando não se consegue ser um *vencedor*? Eles tentam imitar aqueles que tem *destaque*, os *vencedores*. Assim, quem não tem destaque procura *comprar* os bens adquiridos por aqueles que tem tal atributo (destaque), procuram copiar os estilos de vida, as roupas, a visão de mundo etc. O sujeito se sente um *vencedor* mimetizando aqueles que se consideram vencedores, aqueles de destaque, seja copiando seu estilo de vida, seja consumindo o que ele consome, isto é, “...outra maneira muito empregada para se destacar é o *consumir*” (TAILLE, 2009, p.179).

Vamos além dessa visão esboçada acima. E quando o sujeito também não consegue copiar os ditos vencedores, aqueles, por exemplo, das classes populares (trabalhadora e pobre)? Numa sociedade como a nossa, onde a maioria recebe poucos salários (80% da população ganha até 3 salários mínimos, destes, 60% auferem menos de 1 salário mínimo), desemprego e subemprego em alta etc. muita coisa a ser mimetizada se torna inacessível, senão tudo, pelo menos a maior parte, visto que tem a ver com o consumo de bens e serviços. Todos os indivíduos, independente de classes sociais, fazem de tudo para não se sentirem *perdedores*, todos querem

se sentirem *ganhadores*, serem destacados e, por conseguinte, obterem o reconhecimento.

Em nosso entendimento existe um grupo social mais relevante que pode, de um lado, reconhecer os *vencedores*, e de outro “compensar” os *perdedores*, esse grupo é a família. É claro que aqueles tidos *vencedores* podem ser reconhecidos por inúmeros outros grupos de referência (amigos, colegas de trabalho etc), mas há evidências que o grupo familiar é uns dos mais importantes em nossa sociedade e qualquer análise prescindindo esse grupo, ela é incompleta, tanto para os *vencedores*, quanto para os *perdedores*, classes médias, altas e populares (trabalhadora e pobre).

Por um lado, na família há uma *compensação* para aqueles que não têm *destaque*. É como se “baixasse” o nível da competição. Por exemplo, não posso disputar com um astro do futebol, nem da música, e, muito menos copiar seu estilo de vida, então procuro um adversário mais modesto ou onde tenha chances reais de competir e exibir: na família. Por outro lado, a existência da competição entre as famílias demonstra que é nela que se efetiva a *realização* para os *vencedores* e a *compensação* para os *perdedores*, aqui, na família, sempre se está se competindo, independente se se tem ou não destaque, em todas as classes sociais.

As famílias estão competindo a todo momento por tudo que lhes tiver ao alcance: a educação dos filhos com suas posições no mercado de trabalho, os automóveis, as casas e

toda a sua decoração, onde viajam e passam férias etc. Segundo Sayão (2007), se no passado as notas baixas, dos alunos, que se tiravam na escola tinham que ser superadas no bimestre seguinte, visando melhorá-las, hoje há uma competição entre os alunos, e seus pais, *quase sempre*, dizem: “Ah, vc tirou a nota 7,0, mas quanto a filha do *fulano* tirou?” A família da *fulana* faz natação, estuda inglês, faz balé, e nós? A família *tal* comprou outro carro, arrumou a casa, trocaram as cortinas, e nós? A outra família foi para Disneylândia, viajam sempre, fazem festas, e nós? (SINGLY, 2007). Juntamente com a *competição* há o *exibicionismo* de tudo que se conquistou a partir da família (SAYÃO, 2011). Assim, exibe-se a privacidade de quaisquer

311

naturezas na internet, desde a estética da casa até particularidades do casal e dos filhos, tudo é motivo para se exibir; exibe-se os filhos nos espaços públicos como se fossem objetos de consumo (SAYÃO, 2011); exibe-se as esposas belas ou vice-versa como se fossem troféus, “prêmios” para os melhores colocados.

Pode-se obter o reconhecimento através da família não necessariamente por meio da estratégia apresentada acima - o exibicionismo e a competição – mas pelos valores tradicionais<sup>iii</sup> ainda marcantes em nossa sociedade atravessada pela desigualdade social e pela cultura tradicional. Quais seriam estes valores? São inúmeros, mas vamos destacar dois, a saber, *ética de provedor* e *maternidade*, tanto um quanto outro são hegemônicos em nossa sociedade, principalmente entre as classes

populares. Na ética de provedor há um forte condicionamento cultural de tal maneira que os homens não apenas são socializados para serem os provedores de suas famílias, ou seja, que tenham o *dever* moral de prover, mas se concebe como um *direito* seu, que lhes proporciona *valorização* do ponto de vista moral e, por conseguinte, lhes proporciona reconhecimento. Nas palavras de Sarti (2003):

...a 'ética de provedor' não contrapõe a 'ética do trabalho', mas ambas são uma coisa só. A ética do trabalho constitui-se em "ética de provedor" pelo modo particular como é formulada essa ética pelos trabalhadores pobres... em que os fatores econômicos se articulam aos elementos morais para atribuir valor a esta atividade (SARTI, 2003, p.97)

Assim, na ausência de outras formas de reconhecimento no espaço público, principalmente para as classes populares, que quase sempre realizam atividades laborais ditas inferiores e mal pagas, a efetivação da ética de provedor, no seio da família, é algo muito presente, principalmente, entre as famílias pobres da nossa sociedade. Por isso, independente do trabalho que se realiza, se este viabilizar a efetivação da manutenção da família, ele é tido como sagrado, não o "trabalho em si" mas o que se pode efetivar como ele: a *ética de provedor*. Portanto, o desemprego fere a dignidade do trabalhador, uma vez que por meio dele a *ética de provedor*, que lhe proporciona reconhecimento, é vedada.

O outro valor também muito enaltecido é a maternidade. Ser mãe não limita apenas a

dimensão biológica, vai além, é também uma dimensão moral, ou seja, o valor da maternidade proporciona também reconhecimento para as mulheres, principalmente para as mulheres pobres, uma vez que, da mesma forma que os homens, elas também têm muita dificuldade de serem reconhecidas no espaço público, onde compensar: no lar com a maternidade. Assim, "sendo um ponto de referência para toda a família, a mãe é devido um *respeito* particular..." (SARTI, 2003, p. 69). A mulher tem seu *status* muito valorizado quando ela passa a ser mãe, o seu reconhecimento é praticamente automático, a sociedade hipervaloriza a figura da mãe, idealiza ao extremo, o que, portanto, nem sempre a vida real é de satisfação, mas, do ponto de vista moral, há reconhecimento indireto em torno na figura da mãe.

## RECONHECIMENTO E SUA LEGITIMIDADE EXCLUSIVA: O CAMPO DOS ESPECIALISTAS E NÃO ESPECIALISTAS

Exploraremos melhor as *dimensões exclusivas* para o reconhecimento: somente algumas pessoas teriam o monopólio para conceder a valorização de alguém, seria o reconhecimento autêntico. Desenvolvemos melhor esta ideia a partir da *teoria do campo* do sociólogo Bourdieu, mas antes faremos uma ressalva precípua sobre o reconhecimento oriundo dos não especialistas:

O reconhecimento proveniente de inferiores, por sua vez, não é se desprezar, embora seja muitas vezes dissimulado... o professor tem confirmado seus sentimentos de existir pelos alunos que dele dependem, o cantor precisa, todas as noites, do aplauso de seus admiradores, e os pais vivem um trauma da partida dos filhos, que pareciam, todavia, os únicos a pedir reconhecimento (TODOROV, 1996, p.91)

Retomando... Segundo Bourdieu (2003), por um lado, a sociedade está dividida em *campos*, que são espaços sociais em onde há disputas, entre os agentes, por *objetos* específicos de valor, que são os capitais. Em cada campo os *capitais* se diferenciam dos de outros campos. Por exemplo, no campo do Direito os *capitais* giram em torno de questões ligadas ao arcabouço jurídico: capital social, econômico, cultural, simbólico. Nestes espaços há valores, regras, conhecimento, determinadas condutas dos agentes, uma história específica do campo. Temos o campo político, da economia, da moda, da publicidade, do Direito etc. Por outro lado, os agentes que fazem parte do campo *incorporam* os atributos (valores, regras, conhecimentos etc) do campo, construindo um *habitus* específico do campo. Portanto, o *habitus* é:

...então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente

orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada. (SETTON, 2002, p.63)

É como se as características do campo fossem internalizadas pelos agentes, que com o transcorrer de suas vivências no campo, eles moldam suas subjetividades a partir do referido campo. Portanto, aquilo que se valoriza em determinado campo *objetivamente*: objetos de disputa, valores, determinados prêmios etc., são também valorizados *subjetivamente* (*habitus*). O reconhecimento dos agentes num determinado campo será quase totalmente exclusivo deste campo, bem como em situações específicas. Desta forma, quem for *muito reconhecido* num determinado campo (aqueles que estão na torre de marfim) *somente* o será, naquela intensidade e **313** dimensão, entre os seus pares, a saber, entre os membros daquele campo em determinadas situações. Juntamente com o reconhecimento vem o poder, prestígio, respeito etc. Não basta o reconhecimento qualquer, tem que ser derivado dos membros envolvidos naquele campo, ou seja, ser elogiado, valorizado e reconhecido por alguém que não seja do campo, num certo sentido é um consolo, porque *somente os seus pares* (membros do campo) poderão conceder o *reconhecimento autêntico*, exclusivo para o sujeito. O contentamento, portanto, só se realiza plenamente para aqueles que são reconhecidos por quem está no campo, possuindo o *habitus* do campo. Somente o *olhar elogioso* de membros do campo, com muito prestígio, é que podem oferecer satisfação em termos de reconhecimento. É claro que esse *olhar elogioso*

vem por inúmeras formas que vai depender do campo, é como se cada campo tivesse um troféu próprio, específico daquele campo. No campo acadêmico, por exemplo, livros publicados, citações, entrevistas, palestras, conferências, exercer docência em faculdades de renome etc. Em outro campo há outros prêmios, que somente são reconhecidos pelos seus agentes envolvidos, por exemplo, no campo do esporte ligado ao futebol (campo do futebol), é claro que as medalhas por ter sido o artilheiro, a conquista de ter sido campeão, o prêmio por melhor jogador etc. somente é enaltecido por aquele campo (campo do futebol) e, é claro, para os amantes deste esporte.

Pelo que foi dito acima, ficou claro que é crucial para o reconhecimento autêntico ser valorizado por quem é eminente autoridade do campo, entretanto, nem sempre isto ocorre, uma vez que existem campos em que o reconhecimento é “melhor” ser oriundo de agentes não especializados do que o contrário. Dois setores mais visíveis neste aspecto são a música popular e futebol. No futebol é mais do que evidente o impacto da torcida para fomentar ou não a valorização do atleta, isto é, aqueles membros mais especializados do campo podem até reconhecerem o valor de determinado atleta, mas se não for acolhido pela massa “nada feito!”. O outro setor em que isto ocorre é a música popular. Quem nunca se indagou com fato de muitos artistas de talento inexistente ou no mínimo questionável, muitas vezes são infinitamente mais reconhecidos do que exímios

artistas, que ficam quase sempre no ostracismo. É importante ressaltar que o reconhecimento do artista pela massa é algo complexo e muitas vezes misterioso, entretanto, as características da produção musical amiúde giram em torno de estéticas e conteúdos simplistas, que facilitam a identificação e aceitação do público; ademais, o poder econômico para se divulgar tais artistas também influencia muito, um exemplo disto é o chamado “jabá”, que é o recurso que a mídia recebe para se tocar e se divulgar o trabalho de determinados artistas.

Além desses setores mais visíveis - música e futebol -, todavia, a internet criou novos “artistas” que são reconhecidos quase sempre por falarem e fazerem coisas totalmente 314 bizarras, toscas, alienadas, antiéticas, tudo que *nada acrescenta* algo de valor parece *ter mais* valor, pois o que conta são as curtidas, os acessos, e, por conseguinte, o aplauso virtual do público. Parece que o que separa o plausível do grotesco não é nada, tudo deve ser visto, feito, revelado, falado, compartilhado: violência, tortura, preconceito, roubo, banalidades do dia a dia, indiferença ao sofrimento, desdém à inteligência, à ciência, à arte, à cultura. Tudo tem uma lógica central: ser visto, se exibir, ser reconhecido a todo custo. Pode-se contra argumentar que isto não é novo, que sempre existiu o bizarro, o grotesco, o “nonsense”! Sim, é verdade. Nos circos tínhamos aqueles personagens como a “mulher de barba”, “homem de duas cabeças”, pessoas com anomalias físicas eram “atrações” chamativas entre outras, era um

show de horrores, também naqueles programas “populares” ainda é forte a moeda do grotesco, do chulo, de tudo que desumaniza e desrespeita, principalmente a população pobre: exibem violência entre membros da família, moradores de rua e um fajuto assistencialismo, narrativas preconceituosas e moralistas etc. Então qual é a diferença se sempre essas aberrações vêm convivendo com a gente? Nesses programas (e no circo com as citadas bizarrices) o grotesco e o chulo eram apresentados dentro dum “espetáculo”, que fazia com que se anesthesiasse e se aceitasse o lixo que eram exibidos para todos, com “objetivos” de entreter a massa; é como se as bizarrices estivessem num plano da fantasia, da diversão: tudo pode ser feito, dito e sentido porque é diversão! Hoje o palco dessas maluquices é a própria vida das pessoas, elas fazem coisas inacreditáveis para serem vistas, tornou-se imperativo *ver e ser visto*. Vamos dar apenas um exemplo. Já nos falaram sobre grupos que pensam que a terra é plana, nunca demos muita atenção a isto, porque é algo tão insensato que nem efetuamos o trabalho de verificar. Contudo, ficamos sabendo que há um “congresso” de terraplanistas, que esse grupo da entrevista, procura questionar argumentos contrários, se dizem racionais, estudiosos, questionadores, só nos resta uma afirmação: a maluquice funcionou, porque eles estão sendo vistos, sendo reconhecidos.

## **RECONHECIMENTO PREDOMINANTE É O DA CLASSE DOMINANTE**

Um outro aspecto relevante acerca das razões pelas quais alguns têm reconhecimento na mídia e outros quase nada, ou nada, está ligado a dimensão ideológica classista. Ora, numa sociedade onde os valores dominantes são da classe dominante, aqueles que são reconhecidos, valorizados *quase sempre* vão reproduzir o que a ideologia dominante apresenta como padrão: visão de mundo, estilo de vida, valores morais e estéticos. Quem faz sucesso nos meios de comunicação social são aqueles que reproduzem o individualismo, consumismo, narrativas alienantes, bajulação inconsequente aos valores e costumes à cultura estadunidense, um falso otimismo acerca de questões sociais e existenciais, gente conservadora (que tira onda de crítico...) etc. Quem são nossos ídolos apresentados pela cultura de massas? Nossas referências de pessoas públicas? *São* jogadores de futebol! *São* cantores de música sertaneja! (pura reprodução da cultura estadunidense: em forma e conteúdo!). *São* apresentadores de televisão que ganham fortunas idiotizando o povo! *São* atores famosos que bajulam de forma ignóbil a elite do dinheiro. *São* pastores milionários que exploram até último centavo de quem pouco tem. *São* “intelectuais” que vendem muitos livros, fazem sucesso, mas nada acrescentam para se questionar as estruturas que nos oprimem. *São* aquelas celebridades que se apresentam como “vencedores”, sim vencem no quesito de ofuscar, alienar e imbecilizar até a última molécula do nosso cérebro. Artistas,

intelectuais, políticos, militantes representantes de vários setores da sociedade (indígena, negro, LGBT etc.) por exemplo, que possuem uma visão de mundo diferente, vozes dissonantes, com estética e valores incomuns não são convidados a estarem na mídia, que somente convida gente com o mesmo discurso, a mesma narrativa, o mesmo embuste, a mesma visão de realidade: contra a corrupção da classe política, mas “só” da classe política (santa ingenuidade...); contra a esquerda; a “favor” da ética, sem ao menos arranhar as estruturas de nossa tragédia social, a saber, o sistema econômico predominante; quem está nessa mídia é “gente bonita”: branca, intelectualizada, liberal, crítica do Estado perdulário e por isso a favor da privatização; é a “favor” do Brasil, mas os EUA é seu sonho de consumo, preocupada com a saúde do corpo e da alma, introspectiva, são “cidadãos” de bem, otimistas... enfim, somente essas pessoas são reconhecidas, aplaudidas e solicitadas a falar de tudo, opinar de tudo, menos sobre nossos reais problemas derivado de um sistema econômico e político que concede privilégios as elites e tem ódio de tudo que revela questionador destes valores, desta visão de mundo. Exemplo. Nunca vimos, na grande mídia, algum intelectual que é contra a Reforma de Previdência ser entrevistado; tampouco assistimos alguém dizer que nossa violência tem a ver com a nossa dantesca desigualdade social; que nossa corrupção não está somente na política, que ela está no mercado (e em outras instituições...) de forma infinitamente mais

agressiva, comprando, explorando e garantindo privilégios para poucas famílias membras da elite econômica; que nosso subdesenvolvimento é reflexo da relação desigual entre países centrais e periféricos; que as multinacionais são mais danosas do que favorecedoras para o nosso povo etc.

Há outra forma em que o reconhecimento presente na grande mídia pode ser danoso e está profundamente atrelado a ideologia dominante: a invisibilidade de estruturas socioeconômicas. O reconhecimento sendo expresso em indivíduos ou em grupos sociais acaba contribuindo a sistemática distorção de inúmeras realidades, isto ocorre à medida que torna invisível a existência de estruturas socioeconômicas que privilegiam 316 somente uma minoria da sociedade. Como funciona tal distorção e qual sua relação com o reconhecimento? A resposta a esta questão é muito complexa, por isso faremos dois comentários de forma muito lacônica. Primeiro, o reconhecimento da grande mídia acaba resvalando no discurso ingênuo acerca da meritocracia (SOUZA, 2016), que aponta o sujeito individual como o único artífice do seu êxito: esforço, determinação, inteligência etc., nega, portanto, que *quase sempre* por traz de todo mérito sempre tem um privilégio invisível. Ou seja, é como se o brilho do reconhecimento ofuscasse quaisquer possibilidades de se enxergar algo além do sujeito individual, tanto para quem é reconhecido, quanto para quem o reconhece. Segundo, o reconhecimento se fortalece por aparentar certa neutralidade em

termos de valores, quando na verdade não é nada disso. Ele reproduz de forma imperceptível determinados valores predominantes, que alimentam e ofuscam certas estruturas socioeconômicas. Quais valores o *reconhecimento midiático* expõe? Valores do consumismo, exibicionismo, hedonismo, individualismo. Parece-nos que tais valores estão em sintonia com posturas alienantes que sequestram toda e qualquer possibilidade crítica que possa negar a estrutura social vigente. Ademais, todos que são reconhecidos midiaticamente também alimentam diretamente a ordem mercadológica do capitalismo: a maioria dos reconhecidos está a serviço do capital visando vender algum produto ou serviço, são reconhecidos porque *vendem algo* e, ao mesmo tempo, *vendem algo* porque são reconhecidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer de nossa análise há alguns pontos que gostaríamos de retificar. Primeiro, poderíamos explorar muitos outros aspectos acerca da presença do reconhecimento, tais como, nas relações afetivas, na questão do poder, no universo da cultura etc. mas o limitado espaço deste ensaio não nos permitiu refletir esses outros campos em que o reconhecimento se faz presente, contudo, ressaltamos que seu alcance é quase ilimitado. Segundo, ficou muito sucinta e talvez simplista a nossa abordagem em que exemplificamos o mecanismo de dominação através do reconhecimento: religião e meios de

comunicação social. É evidente que a dominação transcende e muito essas esferas de realidade, podendo estar presente em diferentes relações sociais, bem como em contextos socioeconômicos dos mais diversos. Ademais, não podemos limitar a dominação apenas ao reconhecimento, ela tem de ver também com estruturas inerentes a sociedade capitalista, onde o capital econômico tem hegemonia em muitos aspectos. Terceiro, a abordagem acerca da família também merece um comentário, visto que falamos em família de forma genérica, ou seja, existem famílias diferentes em sua configuração: monoparental, homoafetiva, reconstituída, ampliada... Portanto, os desdobramentos e os tipos de relações são muito complexas, mas nossa intenção é propor uma reflexão a partir de alguns elementos, talvez predominantes em várias famílias, que fundamentou nossa generalização. Quarto, poderíamos explorar muito mais sobre as várias implicações para o reconhecimento na sociedade contemporânea: consumismo, individualismo, hedonismo etc, não o fizemos porque entendemos muito mais interessante refletirmos a dimensão política ideológica do reconhecimento, aliás percebemos que esse tema quase nada é explorado a partir desta perspectiva. Enfim, nossa proposta foi propor uma reflexão de um tema de caráter multidisciplinar, que pode elucidar infinitas questões de várias áreas do conhecimento, seja do universo subjetivo, seja acerca da dinâmica da vida social.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed. 1988.
- AQUINO, Júlio Groppa & SAYÃO, Roseli. **Família: modos de usar**. 2ª Edição. Campinas – SP: Papyrus, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GIKOVATE, Flávio. **Ser livre**. São Paulo: MG Editores Associados, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Namoro. Relação de amor e sexo**. São Paulo: Moderna, 1994.
- LA ROCHEFOUCAULD. **Máximas e reflexões**. São Paulo: Editora Escala, sd.
- MV Bill & ATHAYDE, Celso. **Cabeça de porco**. RJ: Objetiva, 2005.
- SARTI, Cyntia. **A família como espelho**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SAYÃO, Roseli. **Filhos... melhor não tê-los?**. In Família e educação. Org: Aquino, Julio G; Sayão, Roseli; Rizzo, Sérgio; Taille, Yves de la. Campinas SP: Papyrus, 2011.
- SETTON, M. da G. J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea**. *Revista Brasileira de Educação*, 20, 60-70, 2002.
- SINGLY, François. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Claice E. Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.
- TAILLE, Y. de La. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum**. Campinas – SP: 1996.

## NOTAS

<sup>i</sup> Doutor em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP de Franca). Professor efetivo (concurso) nas disciplinas Sociologia e Antropologia Filosófica na UNIFAI (Centro Universitário de Adamantina), onde leciona, desde 1996, as disciplinas Sociologia, Antropologia e Filosofia. É Coordenador do curso de pós-graduação: "Gestão em políticas sociais e trabalho social com famílias", onde ministra a disciplina: "A pós-modernidade e a família".

<sup>ii</sup> Fragmento da canção *Carpinteiro do universo*, de Raul Seixas.

<sup>iii</sup> Há uma diferença crucial, apresentada por Todorov (1996), entre o reconhecimento por *distinção*, que converge *diretamente* para os indivíduos por meio de elogios, admiração, atenção etc, e *conformidade*, que se apresenta *indiretamente*, quando se é reconhecido por reproduzir valores e regras do grupo ao qual se faz parte.

Recebido em: 31/09/2020.

Aprovado em: 06/11/2020.

Publicado em: 31/01/2021.